

Marcos Abalde Covelo

CA
NI
BA
LIS
NO

CANIBALISMO

CANIBALISMO

Marcos Abalde Coveló

I XI Prémio Josep Robrenyo I

estaleiroeditora. *teatro*

Marcos Abalde Covelo,
Estaleiro Editora, 2010

Associação Cultural Estaleiro
estaleiroeditora@gmail.com
www.estaleiroeditora.org

Revisom e correcçom:
Vitor Suárez

Desenho e paginaçom:
Nadina B. S.

Depósito Legal:
ISBN: 978-84-613-3217-5
Impresso em: Publidisa



És livre para copiar, distribuir, exhibir e executar a obra,
sob as seguintes condiçoms:



Atribuiçom. A utilizadora deve dar crédito à autora original,
da forma especificada pola autora ou licenciante.



Partilha nos termos da mesma Licença. Se alterares, transformares
ou criares outra obra com base nesta, só poderás distribuir a obra
resultante através de umha licença idêntica a esta.



Uso Nom-Comercial. Nom podes utilizar esta obra para fins
comerciais.

Tábua

MANIFESTO 'MAQUINARTAUD' » 9

CANIBALISMO » 17

Acto I: Europa é vento » 29

Acto II: Umha maquinaria insone » 41

Acto III: A sintaxe da amputaçom » 53

Epílogo: Teatro-cicatriz » 69

Manifesto «maquinartaud»

in memoriam m. a. c.

Anal

o teatro edípico, reformista, parlamentarista
ainda acredita num sujeito pré-industrial.
Há tempo que afastou os olhos da esquina
em que Ulisses vomitava umha e outra vez.
A sala de espera de urgências estava ategada de gente.
Ele nom aturava o regresso.

«Eu penso, logo existo» /vs/ «eu existo, logo penso»
contra o bom gosto burguês.

As circunstâncias constitui-nos como indivíduos,
o social converte-nos em humanos,
o estrangeiro, o outro, o absolutamente outro
permite que digamos «eu»,
nome oco que ao calar amanhece,
fruto da acolhida,
transfiguraçom.

Tanto como precisamos o ar,
o poema também te precisa.
Espera o teu encontro. Fai-no florescer.
Fai possível o frágil, o mais frágil.
Fai possível a carícia, a utopia.
Dá-me a mao.

Caminhemos
fora do triângulo.

O teatro como espelho da realidade,
o fascismo intrínseco da deformação oficial,
da ilusom de realismo,
de objectividade /vs/ um teatro que complete o mundo,
que produza realidade, contra o senso comum,
banhado no sangue do dragom, atrás da barricada.

Um campo de batalha na cabeça, manada,
espelho partido, grande muralha chinesa.

Tinha razom Artaud: Onde cheira a merda, cheira a ser.
Deus respondeu a Moisés: Eu som o que som.

Os homens brancos heterossexuais
de língua de serpente imaginam-se deuses.
Eu som umha bateira de mulheres pretas grávidas.
Som ateia, radicalmente ateia.

A árvore romántica, reaccionária, anacrónica,
monolítica, estável, unidimensional,
totalizadora e totalitária e, portanto, bourbónica
nom nos deixa ver a floresta.

«Así son las cosas y así se las hemos contado»

A miragem de poder oferecer o sentido real das cousas,
de podê-lo apreijar
e nom que ele te apreije a ti.
O imperialismo das obras de tese.
O escritor de romances que já conhece
todo
e está fechado na casa de banho sem papel higiénico.
Deixar de fazer croquetes

e pôr a imaginação ao serviço do brutal,
de umha arte dramática em que se reconheça
o sonho como essência da vida.
A única pátria é a que nom é possível habitar,
mas somente caminhar
para ela.

A vergonha
ante a omnisciência divina e do seu infinito
silêncio ante o real,
ante o sofrimento dos mais esmagados.
Há que abolir a arte. Ela nom é umha mercadoria.
Foi justo ali onde enforcárom a deus.
Acima do colmilho.

A podridom de umha identidade
petrificada,
em que ecoa um epitáfio:
eu som eu.

«Rompan filas!» Destrocem!

Puxar o autoclismo.
A água flui, a merda flui, o esferma flui.
«Eu som todos os nomes».

A espontânea, a indeterminada,
a imprevisível, a inverosímil
navegante.
Jardins mais fermosos
que os de pedras preciosas de Montezuma
esferam por ela.

A fragilidade,
ao se fazer visível, amostra alguns detalhes da sua
diminuta estrutura.

A de dous,
quatro,
oito,
dezas seis mil indivíduos que caminham juntos
para fugirem.

Cesura. Tribo. Cesura. Para fugirem. Tribo. Cesura.

Estar algemada
a mamá, a papá, ao chefe, ao professor,
ao psiquiatra, ao clérigo, ao patriarca.
Eles querem possuir o meu sexo, mas eu som orfa.
Todos som filhos do General.
Nascido para matar. Do Generalíssimo.
Há um caminho directo entre
o «conhece-te a ti próprio» e o capacete do General.
Eles dizem quem som,
eu minto-lhes, minto-lhes muito.

Golpes contra o muro,
contra a espessura da cegueira
que se ergue como a noite.
A rosa nom o deixará continuar.
Do sorriso ao salouco abre-se
o olho do adivinho, niveladora da liberdade, cu.

Proclama-se a indivisibilidade do Reino,
a inviolabilidade da sua Encarnação.
Psicofonias que querem impor a coprofagia
à ponta de pistola.
A vida nom é um karaoke,
apesar das suas semelhanças
com a escola, o exército, a fábrica ou a democracia.
A vida é caos.
Nom som simplesmente semelhanças,
som simulacros de cárcere.

Os livros tornam-se pó,
as maos desfiam-se, os braços também.
Nom tem pernas, falta-lhe meio rosto
e com os cascalhos do seu corpo
continua a caminhar contra a plateia.

E se o único que possuímos é a nossa força de trabalho
e nom temos vontade de trabalhar.

«Os que así nos tein só tein noso,
os nosos nomes no censo»

O guardiám do ser precisa manter o controlo,
ordenar a realidade, fazer taxonomias, contar moedas,
cuspir na cara ao intruso,
fazer lamber as cadeias ao bárbaro.

Capitalismo-Narcisismo-Civilizaçom,
infra-estrutura da morte, pantomima dos que respiram.
Nom som truques de magia,
é a profanaçom dos quatro estômagos sagrados da vaca.
Som cadáveres.

O eclipse,
os prós e os contras
e toda a desesperaçom que cabe na existência humana
ao pedir só um beijo de auxílio.
Há umha personagem que conta estrelas.
Realmente é umha piromaniaca.
O seu sacrificio alimenta ao altar.
Saara, estás aqui e isso avonda.

As pombas arrastam o clamor de um povo que resiste.
Astral. Até se esnaquiçar contra a rochas.

Fénix inaudito. Lakshmi.

O melhor que se pode fazer com Platom
é vendê-lo como escravo.

A vida é sempre um excesso,

ergo

«a tua caca é a mais cara», Marcial dixit.

Epiderme

hemorroidal.

Eis o limite das palavras

devoradas pelas moscas.

Ouve-se um grito: Morte a Ocidente!

Deste modo, começa a açcom.

CANIBALISMO

a o. l. b.
por seres ar, esteio e asa

CALIBAN: Tu ensinache-me a falar e isto é o que aprendim,
aprendim... a maldizer. Que a peste vermelha te extermine por
me ensinares as tuas palabras!

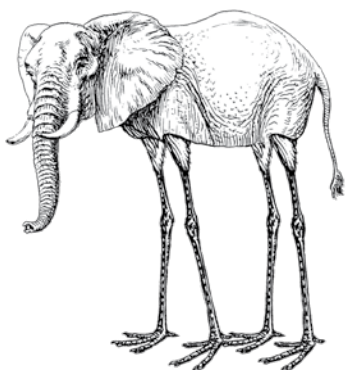
A tempestade, WILLIAM SHAKESPEARE

Em 1948 os israelitas lançárom-se ao mar até a Terra Prometi-
da e os palestínianos figérom-no para morrer afogados. Plano
e contra-plano. Plano e contra-plano. Os judeus chegárom à
ficçom. Os palestínianos ao documentário.

A nossa música, JEAN-LUC GODARD

COCONUT: E poñen-me de Neno Xesús, no regazo da morta?
PETER: Non sexas arbitrário, Coconut. Europa vive.
COCONUT: Por iso me buscaron esta nai. Para que me ladrarse?
EUROPA: Guau.
COCONUT: E me acabase devorando.

Cando chega decembro, MANUEL LORENZO



Personagens:

MENDIGO

A

B

C

D

POLÍCIA 1

POLÍCIA 2

MAI

*As vozes chocam, estouram, caem e voltam a erguer-se
contra o silêncio que devora Sarajevo.*

Acto 1: Europa é vento

MENDIGO: Aglomerações diante das embaixadas. Mão de obra barata. Barcos negreiros. Na encruzilhada há homens. Aguardam ao meu lado. Som muitos. Estão cansados. Detrás de nós o deserto e as rezas das nossas mães. Diante a aramagem. A desesperação apodera-se de todo. No nome do carneiro troca-se águia por verme. Impom-se a morte como argumento. Invadem-se os corpos e damos cabeçadas contra o muro seduzidos pelo machado, pelo canhão da pistola, pela fome. Isto não pode voltar a acontecer. Eu não acreditava na guerra, nem na violação sistemática das mulheres, tampouco no cantado pelas gestas até que me vim no espelho salpicado pelo sangue que une mais que o que corre pelas veias. E acontece o que tem de acontecer. Oculta todo. Que nada lhe leve à confissão. Tenta convencer os interrogadores. Todas as informações são falsas. Nega os feitos. És inocente. Eu sou um refugiado. Procura não contestar. Nega os feitos uma e outra vez. Não admissível. Não expulsável. Não tenho nenhuma relação com esse grupo. Não conheço de nada essa pessoa. O medo e o suor impregnam o ar. Saltamos a aramagem. Estamos aqui.

A: Minha história, só pido minha história.

B: Espero que com uma impressionante surpresa final.

- A: Também nom pido tanto. Apenas umha desgraça jeitosinha. Nom quero nengum holocausto.
- B: Nom me venhas agora com a paranóia essa do fracasso do modelo narrativo.
- A: Que queres que che diga? Para a minha avoinha estivo bem, mas a mim mata-me o aborrecimento.
- B: Caralhadas pós-dramáticas justapostas a esputos pós-dramáticos. Isso é o que tés. Nada.
- A: O mais fácil seria umha de sexo, drogas e rock and roll.
- B: O mais difícil dizer algo.
- A: Ou dormir mais de quatro horas seguidas e nom sonhar com senhoras gordas que caem polo buraco do elevador e se põem a cagar tantíssimo que se tornam homens esqueléticos, que pola metade da viagem chocam com umha mulher oriental sem braços e sem pernas que pergunta: serias tam amável de casar comigo?
- B: De onde tiras essas cousas?
- A: Eu que sei... O narrador nom narra, polo contrário, cospe. Acha ridículo invisibilizar as margens, defender umha ordem natural, ocultar as relações de poder que mantém com os seus dominados.
- B: O narrador usa o látigo. Eles atiram do carro, arquejam, vomitam, falam.
- A: Mas isto nom é o Oeste e eu nom som John Wayne. Se tenho de parecer-me com alguém, prefiro a Sharon Stone quando cruza mui a modinho umha perna sobre a outra e fai suar os polícias.
- B: Terá isso algo a ver com o sonho americano?
- A: Espero que nom. A mim pom-me triste escrever.
- B: Porquê? Dis verdades como punhos?
- A: Mais bem mentiras como punhos.
- B: Isso soa-me de algo.
- A: Será um *déjà vu*.
- B: Nom, creio que o escutei na televisom.
- A: Tanto tem. Esquece-o.
- B: A voz apenas é dona do seu silêncio.

A: A léria restante pertence ao rei que fala pola nossa boca com um naturalismo tam hegemónico e institucional que mete medo. Quem tenha ouvidos...

B: Que os tape.

A: Arre, cavalos! Arre!

C: Um. Encontro um olhar perdido que insinua umha noite com *happy-end*. A música soa demasiado alta para que se poda producir umha conversa normal. Entre o fume e o suor, os roles e a lógica esvaecem-se. Berras e nom entendo o que dis. Eu sorrio e assinto com a cabeça. Este estímulo leva-che a chegar-te um bocadinho mais. A tua cabeça vai do buraco inútil das minhas orelhas até a comissura dos meus lábios. A mistura de coca e emoçom produz-me umha subtil taquicardia. Estou vivo. Tu sorris. De repente chega um fulano com cara de poucos amigos. Olha para mim com ódio e a ti berra-che algo relacionado com a facilidade que tés para amar qualquer monte de merda. Viras-te e passas de mim. Hoje podó dizer que nom me lembro nem da tua cara. Suponho que tu tam-pouco lembrás a minha. Sobe mais a música. Mais alto! Mais! E pom-me outro gim tónico, por favor.

D: Dous. Todo me acontece por fumar a determinadas horas da noite. Depois de nove horas a beber há cigarros que podem provocar a morte súbita. Vomitar polas esquinas da discoteca nom é o mais recomendável, mas se há que fazê-lo, fai-se. O pior é que te veja todo o mundo. Além disso, pouco importa. O doutro dia foi por culpa de umha chupadela que lhe metim ao cigarro. Vinhérom-me à boca os dous últimos combinados. Quigem contê-los. Tragá-los de novo. E foi pior a emenda que o soneto. A erupçom do vulcám, do vulcám e os meus ténis tingírom-se de muitas cores distintas. De manhã, voltar para casa com o estôma-go partido e o sol de inverno.

A: Três. Licor café é o pior que podó tomar se quero dormir mais de quatro horas seguidas. O outro dia estava tam mal

que, ao apanhar um livro e tentar ler, as palavras ergueram-se como arranha-céus e um abismo abriu-se entre elas. Deu-me tal vertigem que tive de conter a náusea para não botar a mascada. Fai-se tam longo o corredor entre a minha cama e a casa de banho.

B: Quatro. O whisky com champanhe não é o melhor para uma noite tranquila. Não me explico como não com quem, mas chegou um momento em que deixei de controlar as pernas. Estavam como mortas. Atirada na rua, colheu-me o frio por culpa da pedra e como uma égua às portas do matadouro não cheguei a entrar no primeiro bar. Do seguinte que me lembro é de acordar na casa sem botas e com um balde ao lado. Há colegas que às vezes são mais atentos que a tua própria mãe.

3

MENDIGO: Isto é Sarajevo, a capital de Europa. Europa é vento. O vento zoa e lambe a fronteira entre Sérvia e Croácia, entre os hemisférios e o hipotálamo. Quem olha pela janela, raramente olha para fora, sempre vai até outro lugar mais escuro. Se reparas, lá acima descobrirás uma rapariga por trás do vidro. Parece que ajuda a Marina Abramovic a lavar cada um dos 1500 ossos de vitela espalhados pela sua casa. Não, ela não canta. Ninguém lhe ensinou a cantar. Ninguém lhe ensinou a se despedir. Sem dar-se conta a rapariga dirige os seus olhos à rua por onde passam a pessoa «C» e a pessoa «D». A pessoa «A» cruza-se com eles. A pessoa «D» insinua um sorriso e saúda a pessoa «A». A pessoa «A» olha para a frente imperturbável perante o gesto. A pessoa «D» partilha com a pessoa «C» a confusão que acaba de ter e a suspeitosa semelhança existente entre a pessoa «Z» e a pessoa «A». Esta última vai reunir-se com a rapariga da janela que poderíamos denominar «pessoa B».

4

B: Tam secas doem as raíces. Remotas, quase esquecidas as refeicións familiares, os sujos pratos, o pam duro, os manteis comeſtos polos ratos. Caixas e lágrimas tam pesadas a caírem sobre os ombros como imensas árbores. A rotina dos dias absorve todo o perdido, mas na sombra eſpera a que os relógios parem e voltem as vozes apagadas polo tempo. Silencioso latejar que resiste. E por dentro nos eſtêreis campos da memória fende, fura e eſpalha tua avoa na cozinha a fazer lume, teu pai e a sua áspera cara, tua mai com as maos cheias de sangue e teu filho... Teu filho mudo para sempre. Os desertos tenhem o seu nome. Tanta beleza derramada! Tantos sonhos! Deus falou e o amor já nom fazia sentido. O anel da sua ausência abrasa-te. Nom foi lei de vida. A vida deixa a flor da póla medrar cara a luz, abrir-se, dar fruto. Deus nom.

5

D: Como te atreves a vir até aqui?
C: Nom me atrevo.
D: Como que nom te atreves?
C: Nom me atrevo.
D: Se eſtou a ver com os meus próprios olhos como pisas o meu asfalto.
C: Simplesmente cheguei.
D: Para que vinheche?
C: Para acabar com eſta praga.
D: Nom fales tam alto.
C: A mim também me convidárom à feſta.
D: Procurarám o teu pescoço.
C: Quem se importa?
D: Julgarám-te sem compaixom.
C: E isso quem nom o fai?

- D: Destriparám-te e darám os teus restos aos abutres.
- C: Espero que nom lhes tenham muito carinho. O veneno do meu sangue acabará com eles.
- D: Que prepotência! A ver se és tam valente quando chegar o momento.
- C: Eu tenho um mestrado em mau humor.
- D: Esta noite já o comprovaremos.
- C: Vós ainda nom saístes do jardim-de-infância.
- D: Nom exageres. És um recém-chegado e ainda temos de aturar as tuas insolências!
- C: Só faltava que nom o figéssedes.
- D: Deverias voltar ao monte de lixo de onde saiche.
- C: Para voltar primeiro teria de sair, nom crês?
- D: Eu nom creio em nada.
- C: Eu só creio no meu ódio.
- D: Estás avisado. Se nos cacharem, estamos fodidos.
- C: Tanto me tem.
- D: Nom che terá o mesmo a torpeza do verdugo.
- C: Todos os verdugos som da minha raça.
- D: Mais este mudara-che devagarinho as ideias e a direcçom do espinhaço.
- C: Nom lhe tenho medo. Eu estou aqui porque quero. Este também é o meu bairro!
- D: Aqui mando eu. E eu decido se é ou nom é o teu bairro. Eu cheguei muito antes que tu.
- C: E nom há lugar para os dous?
- D: Se nom tenho nem para mim mesmo.
- C: Nom duvido do tamanho da tua picha.
- D: Nom te passes, rapaz. Nom desfruto quando me coçpem na cara.
- C: Tu quem és para me dizeres nada?
- D: Som muito mais do que te imaginas.
- C: Tu ainda és mais prepotente que eu.
- D: Que rápido me calache!
- C: Os anos nom passam em vam.
- D: Nom estaria tam certo.

B: Sinto-a cantarolar polo corredor. Vai esvaziando o seu quarto. Apaga o recendo que tanto amei. A sua voz rente ao lume chama-me ao seu lado. Nom quer ensinar-me a cantar. Na sua cara vejo a mulher que serei dentro de quarenta anos. Cruzo esse labirinto de enrugas. Tantos caminhos, tantas lágrimas e um oceano inteiro que olha para mim... Som a tua neta. Lembras-te? Para ela os dias já nom amanhecem. Repito-che. As sardinhas nom se enfarinham em detergente. Tu dis-me que sim e perguntas-me quando virá a tua irmá que morreu na Suíça há já mais de vinte anos. Agora é o papai quem cuida de ti. Trocastes os papéis, mas a música das cidades continua a vos assustar. Sobre todo a ele. A ti, papai, que levantache a casa com as tuas próprias maos e repenicás sem descanso na terra. Repetem-se as estações e tornam a atar-te à escravidom da enxada e do vinho amargo. Tu que deixache em cada tijolo mais que umha pinga de suor. Tu, que tés sete dedos, sabes que todos os vímbios racham, também as tuas costas. No entanto, continuas a contar os tetos da vaca. Falam-che da água da traída e baixas o olhar. O buraco nom é tam húmido. Vós estades bem aí. Achas que já passou o vosso tempo.

Ao fundo miam os gatos. Soa a campainha.

A: Olá, som eu.

B: Sobe.

Pausa.

A: Como cheira o portal!

B: Leva assim três ou quatro dias.

A: Devem ser os gatos da velha de abaixo. Ter tantos num apartamento é o que tem.

B: Oxalá fossem os gatos! Nom sabes que encontrárom a velha morta?

A: Morta?

B: Sim, topárom-na atirada na cozinha.

A: Nom tinha nem ideia.

B: Levava um mês assim e os seus oito gatinhos começaram a lhe comer as coxas.

A: Pois tinha de estar dura a carne da velha.

B: Nom sejas animal.

A: E o edifício nom fedia a bicho morto?

B: Homem, pois algo cheirava, tampouco demais.

A: E os vizinhos? Nom começaram a suspeitar algo?

B: A mim estranhava-me que a velhinha nom saísse a botar o lixo, mas daí a que estivesse morta...

A: É triste.

B: É mui triste.

Pausa

A: E que tal na casa de teus pais?

B: Horrível.

A: Era visto.

B: Nom me explico como podem viver com esses senhores dezoito anos da minha vida.

A: Porque tinham dinheiro e tu nom tinhas nada.

B: É penoso. Ainda pensam que acabo de sair do infantário.

A: Pouco mais ou menos.

B: Se isto por aqui e isto por alá, que estás mui magra, que tés de comer mais, que nom vou nada pola casa, que blablim e blabláblám...

A: Nom te amargues.

B: Já estou mui cansada de aturá-los.

A: Pois agora tés de aturar-me a mim.

B: Isso é o que levo esperando todo o fim-de-semana.

Bota-se aos seus braços e volta a beijá-lo. Mete-lhe a língua

tam até o fundo que poderia dizer qual fora o último chá que tomara. Ao pouco retira-lha, morde-lhe suavemente o lábio inferior e começam a despir-se o um ao outro.

A: Ambrósia.

B: Um único horizonte.

A: Derrubar as portas.

B: Profanar o éden.

A: Beijar a espada.

B: Rachar o cosmos.

A: Cervo que vai beber no fundo da boca do lobo para se chegar a ti.

B: Voltas. Vás-te. Respiro frenética. Eu caio.

A: Prazer. Submergirmo-nos. Arder fatigados. Só prazer.

B: Estamos a erigir o berço do alvor.

A: Tu foche quem de nom cortar-te com o latejo de futuro do carnal canto.

B: Dentro chamas. Fora lume.

A: Todo rajeira.

B: Em delírio aos olhos fitamo-nos.

B: Os dous abandonados a um único latejar.

A: Apertarmo-nos fundo.

B: Beijarmo-nos profundo.

A: Apreijarmos os astros.

B: Canto que tem de atravessar o labirinto das minhas entranhas para ser livre.

A: Irremediável devora-nos o eco de todos os mares.

B: Salouco de pontes e bateias.

A: Vem o abandono.

B: Amor, morte, alma derramados.

A: Arredor só silêncio.

B: Arredor só a ti me vês.

A: Arredor todo sol.

B: Arredor só entre as doces trevas.

A: Desta abrente morte.

B: A mim te vejo.

A: A mim te vejo.

B e A: A mim te vejo.

Relaxam-se e fai-se um longo silêncio.

B: O noventa e cinco por cento das palavras nom dim nada.

A: Tampouco tanto, mulher.

B: Dói-che porque tu és escritor.

A: Deixemo-lo num respeitoso oitenta por cento.

B: O que queiras, mas normalmente com as pessoas nom damos nengumha informação relevante, simplesmente reafirmar ou enfriar uns laços afectivos, mais nada.

A: O resto é poesia.

Acto II: Umha maquinaria insone

Noite. Interior de um caixa automático. Um mendigo está sentado nuns cartons. C e D sorrim.

MENDIGO: Deixai-me sair!

D: Nós já che deixamos fazer o que queiras.

MENDIGO: Por favor, deixai-me sair.

C: Que foi, homem? Por que estás tam nervoso? Aí tés a porta. Fai o que queiras.

Pausa

D: Nom moves umha peştana, Mohamed. Assim muito melhor. Começas a entender o que che convém. Já sabes que nom é bom que estejas tam nervoso, que depois che é pior para o coração e nós só queremos o melhor para ti.

C: Que foi? Hoje nom queres jogar connosco?

MENDIGO: Nom, nom, nom quero dizer isso. Eu quero jogar com vocês, mas... mas...

D: É claro, todos queremos jogar.

C: Qual é o problema?

MENDIGO: Nom há nengum problema.

D: Melhor que nom haja nengum problema.

C: Realmente nom podes compreender nem umha brincadeira.

MENDIGO: Podo, senhor, podo.

D: Entom por que te comportas como um histérico?

MENDIGO: Eu... eu nom queria comportar-me como um histérico, mas no meu país, no meu país...

C: Este nom é o teu país, Mohamed.

MENDIGO: Sei-no, senhor.

D: Pois se o sabes, por que ainda andas com essas lérias?

MENDIGO: Nom o sei, senhor, nom o sei.

C: Sei-no eu, machinho, por isso nom te preocupes.

D: Nom te queres adaptar aos nossos costumes. Nom queres compreender os nossos valores. Tu já sabes que isso nom é mui educado da tua parte.

MENDIGO: Sei-no, senhor. Desculpe. Eu nom queria...

C: Nom querias o quê?

D: Nom che dixemos que nom queríamos ver-te no nosso bairro.

C: O que pensas? Que nom sabemos para que vinheche aqui?

D: Para que cruzache o Saara, o Mediterráneo e a metade dos Balcáns?

C: Minha irmã e as suas amigas estão fartas de que olhes assim para elas?

MENDIGO: Lamento-o muito, senhor, no meu país, no meu país...

D: No teu país o quê?

C: No teu país o quê, Mohamed? A ver se percebes que este nom é o teu país!

D: Que todos os Mohamed como tu fededes a quilómetros!

C: Fededes tam mal que nos dam voltas ao estômago! O que pensas? Que somos estúpidos?

D: Que estamos cegos?

C: Que nom vemos como te tocas quando minha irmã e as suas amigas passam polo parque?

D: Como te atreves?

MENDIGO: Nom me atrevo. Nom me atrevo. Eu acabo de chegar. Nom sei de que me estão a falar.

D: Nom te preocupes por isso, Mohamed. Nós si que sabemos de que falamos.

MENDIGO: Metim-me aqui adentro porque tinha frio.

C: Sim. É claro, Mohamed. Nós também temos frio e dixemos: Olha em que sitio tam acolhedor se meteu o cabrom do Mohamed!

D: E como passávamos por aqui, vinhemos a che fazer umha visita. Nom te alegras, Mohamed?

MENDIGO: Alegro-me, alegro-me muito.

C: Já pensava Mohamed que nom te alegravas de nos ver.

MENDIGO: Alegro-me, alegro-me muito.

D: Claro. Todos nos alegramos muito. Todos estamos mui contentes de ver-nos as caras.

MENDIGO: Mui contentes, mui contentes.

C: E agora Mohamed que estás tam contente e tam quenti-nho, nom queres tocar-te?

MENDIGO: Tocar-me o quê, senhor?

D: Nom te fagas o parvo connosco.

MENDIGO: Nom me fago o parvo.

C: Pois se nom te fás o parvo. Vamos!

D: Nós nom te pomos tam quente ou quê?

MENDIGO: Nom, senhor, nom... Nom é isso.

C: Entom o quê?

D: Nom queres jogar connosco?

C: Já sabes que nom gostamos nada quando te portas assim, Mohamed.

MENDIGO: Desculpai. Eu... Eu nom queria...

D: Nom querias o quê?

C: Nom querias foder na minha irmá, Mohamed?

MENDIGO: Eu... nom... nom... nengumha.

D: Agora nom che parece bonita a sua irmá?

MENDIGO: Nom... nom é isso.

C: Entom o que é?

D: Com certeza a puta da tua mai é mais bonita, nom é?

C: Que te punha mais quente que a minha irmá.

D: Que te toques, caralho!

C: Pensa na puta da tua mai!

MENDIGO: Minha mai nom era nengumha puta, senhor.

D: Aqui somos nós quem decidimos o que é e o que nom é, comprendes?

C: Nom queres jogar connosco, Mohamed. Mui mal, mui mal.

D: Pois já sabes que se nom é por bem...

C: Será por mal.

2

B: As dores do parto nom som as mesmas que as das moas do juízo. O desgarrro implica umha relação visceral com a mentira. A terra sensível, o corpo devaſtado, a carne partida.

A: Abraça-se a si própria. Abana-se com nervosismo. Caiu dentro de si. Murmura histórias em voz baixa. Ruídos que ecoam nos recantos do cérebro. Antes chamavam a isso «arte figurativa».

B: Neste corpo habita o silêncio. A sua pele é transparente. Lateja mui devagar. Os fios da crisálida entretecem-se nos poros. Quentinho aboia na espessura das entranhas. Quando acorde, há de escuitar vozes suaves que lhe darám o nome. Nom o esquecerá nunca. Âncora e vela.

A: Inevitável o naufrágio. Queimam-lhe as pontes, a transparência mancha-o, procura um lugar e um tempo precisos. Nom os encontra. O enigma inunda-o, leva-o ao horizonte, foge. Configuração de todo o arrasado.

B: Sucessom de dias e hospitais. Cartografia da dor que sempre marca um norte insondável. Herdo e gangrena. Fartas de tanto abatimento, construímos umha consciência a partir do nada, essa parasita que nos alicerça e nos chama.

A: Geme pola baba e o frio, alfândega que o retém trás o roſto.

B: Nom, mamai. Nom. Nom o fagas.

A: Já nom é gaguejo, nem sílaba o que pronuncia, é ódio.

B: A menina fijo um buraco para o pássaro morto. O seu corpo é um monte de bichinhos.

A: O prodígio da vida é o murmúrio que desprende a luz ao mudar de forma.

B: Semelham umha diminuta ferida e os seus nomes nom

querem aferrá-los ao rio, mas a vida é muito mais do que o granito das palavras.

- A: O pesado é mais frágil do que aparenta, a água molda as montanhas segundo o seu desejo e a vida continua e fai-se translúcida, vai e vem, atravessa túneis, gira, sobe, derrama-se e regressa, sempre regressa.
- B: A menina nom o sabe, mas abre as maos e pousa a terra que algum dia há-de cantar.
- A: Como imensas árvores a caírem sobre os ombros.

3

- D: Nada. Este nom quer compreender? Que fazemos? Partimos-lhe a cabeça?
- C: Melhor partimos-lhe as maos, assim polo menos nom joga nem connosco, nem consigo mesmo.
- D: És um sentimental, colega.
- C: Pois, afinal um começa a lhes colher carinho.
- D: Nom me estranha. Venhem desses países que já se sabe. Chegam aqui e comportam-se como os macacos do zoológico. Atiras-lhes um par de amendoins e eles tam contentes.
- C: Entom, Mohamed, como correu o dia? À saída do praça as menopáusicas nom che atirárom algum amendoim?
- D: Beatas de merda.
- C: Havia que matá-las todas.
- D: Nom se darám de conta do mal que fam alimentando estas bestas.
- C: Em qualquer momento podem quebrar a gaiola. Tu imagina-los em liberdade a queimarem carros e colégios?
- D: Nem penses! Nom fariam nada. Estes nom compreendem o que é isso. Olha, Mohamed. Hoje que tenho um bom dia, vou-cho explicar eu. Olha, trai para aqui essa maozinha. Trai-na, caralho! Que se nom vai ser pior... Gosto mais assim. Olha, Mohamed, a liberdade está em escolher

- entre partir-che esta mao (*dá-lhe umha pisadela na mao*) ou partir-che esta outra (*dá-lhe umha pisadela na outra*). Homem que exagerado és! Nom fai falta que mijes por ti! Nem que tivesses dous anos. Nom che dá vergonha?
- C: Creio que este cabrom nom se está a divertir. Que mal-educados som os estrangeiros! Estou até os colhons de tanto desdém. O de te mijares estivo de mais. Nom sabes o que é a civilizaçom ou que tés? (*C a D*) Explica-lho rápido porque bom... A esta gente ainda lhe resta tanto por aprender!
- D: Olha, Mohamed. A civilizaçom começa... Mohamed, que res olhar para a minha cara. Olha-me para a cara! Que che estou a falar! Gošto mais assim. Pois a civilizaçom começa quando cospes a alguém na cara e agradece-cho, quando abres a cabeça a alguém e sorri, quando mijas por cima de alguém e di que chove. Compreendes, Mohamed? Compreendes?
- C: Cheira-me que este tampouco compreende o que é a liberdade de expressom. Que paciência é preciso ter com estes estrangeiros!
- D: Tu nom te preocupes que já lha explico eu no meu curso intensivo. (*Colhe-lhe as maos*) Esta por Maomé (*pisadela numha*) e esta por Bin Laden (*pisadela na outra*).
- C: E esta de graça, filho da puta! (*Dá-lhe umha patada no estômago*).
- D: Ou é que nom gostas dos valores da nossa civilizaçom?
- C: Depressa, trai a gasolina.
- D: Vai tu, caralho! (*Dá umha labaçada a C*).
- C: Tranquilo, eh. Já vou.
- D: Dás-te de conta, Mohamed, o bons colegas que somos. Dizias-nos que tinhas frio. E para que estão os colegas? É preciso explicar-cho todo? Os colegas estão para se ajudarem. Que tés frio, pois aqui estamos nós. Já verás que aginha aqueces.

C entra com a gasolina e bota-lha por cima cantando o reggaeton

C: «Me gusta la gasolina, me gusta la gasolina». Nom cantas, Mohamed?

D: Muito cantavas no parque, agora quê? Já nom che apetece ou que foi?

C: Canta, filho da puta, canta!

Dá-lhe umha pancada no estômago e os dous rapazes começam a cantar. Um par de polícias bate à porta do caixa automático.

POLÍCIA 1: Boa noite.

POLÍCIA 2: Rapazes, que estades a fazer?

D: Nada. Saudamos um amigo.

POLÍCIA 1: Um amigo, nom é? Fora de aqui.

C e D saem correndo.

POLÍCIA 2: E a dormir a casa que já som horas.

POLÍCIA 1: Ei, você, que fai aí deitado? Com essa cara a quem pensa atracar?

POLÍCIA 2: Levante-se!

POLÍCIA 1: Fora imediatamente.

POLÍCIA 2: Vamos. Documentaçom.

MENDIGO: Documentaçom?

POLÍCIA 2: Puta que me pariu! Mais um! Nom tés papéis, nom é?

MENDIGO: Tenho, senhor, tenho.

POLÍCIA 1: Pois logo. Vamos!

POLÍCIA 2: Isto é umha puta invasom.

O mendigo fai o gesto de sair do caixa, os polícias vam diante e saem primeiro. De repente, passa o fecho.

POLÍCIA 1: Que fás? Abre!

POLÍCIA 2: Estou-lhe a dizer que abra a porta!

POLÍCIA 1: Isto é desacato à autoridade.

POLÍCIA 2: Mais vale abrires a porta e nom meter-te em mais problemas.

POLÍCIA 1: Como nom a abras já...

Batem fortemente na porta

POLÍCIA 1: Abre, cabrom!

POLÍCIA 2: Nom nos escuitas?!

POLÍCIA 1: Que ainda vás sair com as orelhas quentes!

O mendigo pom-se mui nervoso, tira um isqueiro, crava o olhar nele, acende-o e fai-se o escuro.

4

B: As vozes como apêndices subordinados a umha maquinaria insone vam até algures, cruzam túneis, gritam, cantam, sonham, farfalham numha língua incompressível, rompem a chorar e baixam as pálpebras aos enforcados. Vozes que alá acima aguardam. Ele já nom está. O vento cega os seus olhos. Nom entendem porquê a cicatriz nom sutura.

A: Devagar as palavras vam abrindo a noite. Sente-se alguém que fala e alguém que escuita, que escuita realmente. Nota-se que a comunicação flui. Isso nota-se. É como a maré que vai e vem, que vai e vem, sem pressa, com gozo, cobrindo e descobrindo a areia como umha carícia, como umha dança. Assim a língua polo pescoço, polos mamilos, umha volta e outra e outra mais. Encanta-me o teu umbigo, a tua pancinha de prata. Enredar-me na tua vulva. Abrir caminho. Sugar. Tu gozas. Eu amo-te.

C: Parvadas. Realmente o amor é o tempo que resta entre os minutos de penetração-batimento-ejaculação e a conseqüente ressaca. A língua como um deserto, cagar sem contemplações, umha ligeira lobotomia cerebral e umha

desconhecida da qual nom estás mui certo como se chama e que te envergonha voltar-lho a perguntar. Puta sentimental empenhada em te afogar nos seus braços, como se nos tivéssemos um mínimo carinho. Nom aturo as mulheres que pensam que som um boneco de peluche. O que realmente querem é um filho, nom um homem. Só espero que nom fique a jantar.

5

A: Quem pode acreditar numha personagem coerente, numha trama de peso, num sentido final a todo este horror?

B: O problema é que há muito perturbado por aí solto.

A: Quem pode acreditar nas pretensons universais deste homem branco proprietário?

B: Tu debes crer-te mui especial, machinho.

A: Tinha razom Rivette quando falava do esteticismo que Montecorvo dava à morte nos campos de concentraçom. É fascista fazer beleza de algo assim.

B: Quem se interessa por isso?

A: Eu, por exemplo.

B: Nom me fagas rir.

A: Nom pretendia.

B: Nom sejas ridículo. Qual vai ser a tua última saída? Que as latrinas do mundo servem perfeitamente como metáforas do multi-culturalismo?

A: Com certeza e, aliás, do glorioso progresso da humanidade da Idade de Pedra até a porcelana branca e o papel de dupla folha super-absorvente. Passando por alto toda a história colonialista que prefiro obviar.

B: Mas também preferes obviar que, se nom acontecer isso, hoje nom desfrutaríamos dessas pequenas conquistas para a higiene anal.

A: Todo o mundo sabe que no fundo o colonialismo interior e o exterior nom som tam diferentes.

B: É umha questão de quilómetros a respeito da metrópole ou da urbanização de luxo.

A: Pouco mais que simples bagatelas.

B: Eu o que não aturo é demorar duas horas em ficar dormida e logo sentir qualquer ruído e acordar. Passo as noites a comer teito.

A: E a te comeres por dentro.

B: Que lhe vou fazer?

A: Pois. É preciso enganar-se muito para que o sorriso não nos deixe ver todos estes cascalhos.

B: E se ainda houver algum oásis?

6

MENDIGO: As ondas molham os seus pés. Devagar o cego desprende-se da roupa. Deixa-se levar. Renuncia a si mesmo. Abandona-se. Um pasto de ruídos rúmiam os seus olhos abertos como perguntas, blocos de mármore perante o oceano. Lá longe crava os ouvidos, lá onde as palavras se confundem com os apupos, lá arde o sentido. Fai-se toca. Sente os nervos da matriz. Desaparece.

Acto III: A sintaxe da amputaçom

- A: Como pudeche fazer algo assim?
D: Eu nom figem nada.
A: Nom me fodas.
D: Anda. Nom me toleies.
A: Éstades mal da cabeça.
D: Aqui o único que está mal da cabeça és tu.
A: Sei perfeitamente que foche tu.
D: Tu nom sabes nada.
A: Nom téis alma.
D: Pois quando andavas comigo tam mal nom che parecia.
A: Nunca figemos mal a ninguém.
D: Creio que che falha a memória.
A: Apenas os assustávamos, mais nada.
D: Alguns mais que outros.
A: Eu era mui novo. Nom sabia o que fazia.
D: Sabia-lo perfeitamente.
A: És um filho da puta.
D: Que mais che dá!
A: Era um ser humano.
D: Se nunca lhe botache um peso.
A: Nom acredito na esmola.
D: Nom acredito na esmola. Tu és parvo. Té-lo metido na tua puta casa.
A: Isso nom solucionaria nada.
D: Eu nom quero ver nengum monte de merda desses a dormir no banco debaixo da minha casa. Nem imaginas o que fedia a mijo!

- A: Matache um fulano!
D: Esse já estava morto antes de que nós lhe tocássemos umha unha.
A: Queimaste-lo vivo.
D: Nom, creio que nom.
A: Queimaste-lo vivo.
D: Nom venhas aqui de irmazinha da caridade que nos conhecemos.
A: Queimaste-lo vivo.
D: Queimou-se ele sozinho.
A: Queimaste-lo vivo.
D: Também nom tinha um futuro mui prometedor.

2

- D: O homem-extremo. Cheio de sangue, sémen e saliva.
C: O homem-lesma, o homem-violador.
D: O homem-deus.
C: O humano-inumano, o homem descomposto, o homem-merda ou melhor monte de merda. Os mecanismos da ilusom, as engrenagens do sentido, a ficçom da propriedade privada. Vivemos à beira do caos conscientes da iminência da destruiçom.
D: Agarremo-nos à confiança e a confiança enroscará-se ao nosso pescoço.
C: Todo o futuro pola frente. Os pés caem-me. Fico suspenso no ar. Nom pido ajuda. A seguinte cena nom há-de resolver o conflito. O mijo escorre pola minha perna direita. Os cavalos lambem-no.
D: Bebida de salvaçom.
C: E morrem.
D: A mamai nom vai vir a me mudar as fraldas. A psiquiatra nom vai vir a me mudar as fraldas. A assistente social nom vai vir a me mudar as fraldas. Tenho chagas no cu desde que chegou a polícia.

- C: A minha terra é triste e escura. Cada vez mais triste e escura. Nom sei a onde vou ir, com quem poderei falar, nem em que língua, nem sequer sei se terei tempo de avondo como para che dizer «amo-te».
- D: Ele chiscou um olho e fincou-me o bastom até o fundo. Com esse simples gesto pujo tantas contradiçons numha única boca.
- C: O salto ao uníssonno de todos os chineses nom provocaria um terramoto igual ao desse berro infernal.
- D: Essa montanha aberta em dous nom era de cartom-pedra. Era de lábios, de dentes, de língua. Era a tua a que gritava.

3

- B: Gastamos as palavras em conversas absurdas e figemos surgir as ilhas.
- A: Eu nom queria, eu nom queria.
- B: Nom te reconheço.
- A: Eu nom som um monstro, nom som um monstro.
- B: Fás-me alheia à tua intimidade e nesse abismo escondes-te.
- A: E o teu nome? Sei o teu nome e nunca o pronuncio. Saliva-me a boca e entre a névoa reconheço o rosto que me chama, o rosto que contra o tempo resiste, minha desconhecida, minha vida.
- B: Fai vir água a boca, manancial que alimenta as raízes dos desaparecidos. O retrato nom é a fotocópia, é o fulgor.
- A: A máscara é o rosto ou é parte do rosto?
- B: Pedacos recortados de outros pedacos cosidos e colados no mesmo oco.
- A: É preciso acostumar-se à escuridade. Umha de cada vez extirparemos as espinhas.
- B: Mas o suor afoga a lembrança do paraíso perdido.
- A: Nom digas isso. O alento passa de mao em mao até hoje. As máscaras silenciam-no como ganchos de carnicheiro. Transplantam-no de boca a orelha, de orelha a boca.

- B: Em nengumha prende.
- A: Em todas enraíza. Do outro lado reconhece-te. Apesar da perseguição ideológica, está aí. Respira. Envolve-nos no seu interior.
- B: Vivo dos ecos da memória, de um passado do qual me afasto e que me derrota desde há tanto. Foches tu quem me converteu na tua desconhecida.
- A: Nom deixes que a sombra me encurrale.
- B: Libertado estás, suspiro.
- A: Que me entre pola boca.
- B: Elefante com patas de cegonha.
- A: Que me esqueça de ti.
- B: Arquitectura do vazio.
- A: Minha desconhecida, som os teus braços.
- B: Tam vulnerável.
- A: Os teus braços os que me salvam.
- B: Tam pequeno, tam humano.
- A: Como pássaros que me salvam da infância e do naufrágio.
- B: Perante esse adeus que nom reconheces.
- A: Como pássaros para o alto...
- B: Que nom reconheces nos meus lábios.
- A: Nom, nom era umha dor fantasma. Nom o era. Mas o bisturi a separar o osso da carne, a carne da artéria. Foi um lento dessangrar-se e, no entanto, enxergar ao fundo umha luz, a ponta do icebergue, o antigo calor de um abraço que nos demos.
- B: Um outro dia e ninguém ao teu lado na cama. Acordas fatigada e sentes todo o cansaço da vida. Cais no engado e nom podes sair. Comes o pam resseco. Sabes o que debes fazer. Sobes-lhe o volume à radio. Conheces os segredos da vida, nom as suas chaves. Lembras-te de tua mai, do beijo que lhe dava ao pam antes de o botar ao lixo. Lembras-te de tua mai, da cara que pujo quando abriu a porta e apareceche tu. Levavas seis meses desaparecida. E tua mai perguntou-che «quem és?» e tu respondeuche «som a tua filha».

- MAI: Passa. Passa. Nom fiques aí ao frio.
B: Obrigada.
MAI: Dá-me um abraço.
B: Olá, mamai.
MAI: Como fedes, filhinha!
B: Desculpa.
MAI: Que som estes farrapos?
B: Eram a minha carapuça.
MAI: Que che figérom, filhinha? Que che figérom?
B: Nada mau.
MAI: Se téas as maos ásperas, as unhas negras como poutas,
as pernas cheias de pêlos...
B: Nom te preocupes.
MAI: Pareces umha selvagem.
B: Já estou afeita.
MAI: Afeita ao quê?
B: A estar assim.
MAI: Que che figérom, filhinha?
B: Nada.
MAI: De onde vés?
B: Da floresta.
MAI: E viu-te alguém polo caminho?
B: Nom, ninguém.
MAI: Estás certa que nom te viu ninguém?
B: Estou.
MAI: Jura-mo.
B: Juro-o.
MAI: Jura-mo outra vez!
B: Juro-o!
MAI: De acordo.
B: No bosque nom há caminhos mas apenas recendos.
MAI: Quem che dixo isso?
B: O lobo.
MAI: O lobo é um assassino.
B: Isso é o que dim os caçadores.
MAI: É o que di tua mai.

- B: Pois eu ensinei-lhe a correr atrás das borboletas.
MAI: O lobo é um monstro.
B: Nom, mamainha.
MAI: Seqüestrou-te!
B: Fum com ele porque quigem.
MAI: Nom digas isso.
B: Matárom-no. Caiu numha armadilha...
MAI: Esquece essa beſta.
B: Tardou três dias em morrer. Três dias.
MAI: Merecia-o. Essa beſta separou-te de mim.
B: Nom sabes quanto o amei.
MAI: Nom voltes a dizer isso.
B: Porquê?
MAI: Já nom queres eſtar com tua mai?
B: Quero, mas...
MAI: Tinha tanta vontade de te ver.
B: Mas agora sei que há mais cousas que eſta casa, que eſta aldeia...
MAI: Nom digas parvadas. Arrancou-te dos meus braços.
B: Pujo a sua semente em mim.
MAI: Essa barriga...
B: Sim, minha mai. Eſta barriga.
MAI: Fijo-cho o lobo?
B: Fum eu quem lho pedim.
MAI: E abusou de ti?
B: Pedim-lho.
MAI: E tu permitiche-lho?
B: Nom me escuitas?
MAI: Tu antes nom eras assim.
B: Fum eu quem lho pediu.
MAI: Como podes dizer isso?
B: Porque é a verdade.
MAI: Perdeche a razom, filhinha.
B: E ganhei o mundo.
MAI: Fala mais baixo que ainda nos vam escuitar os vizinhos.
B: O importante é que voltei e que agora vou ter umha criatura.

MAI: Na minha casa nom.

B: A tua casa é a nossa casa.

MAI: Nom. A minha casa é minha.

B: Nom me castigues por ser livre.

MAI: Que vai pensar minha mai?

B: Que a sua netinha se converteu numha mulher. Vou-lho ir contar.

MAI: Nem te atrevas. Queres matá-la com o desgosto?

B: Quero partilhar a minha alegria.

MAI: Por favor... nom sabes o que dis.

B: Sei-no mui bem.

MAI: Tu ainda és a minha filha e hás-de fazer o que che mande.

B: Eu fum a companheira do lobo e quero ser a mai de seu filho.

MAI: Mai solteira num lugar tam pequeno.

B: Solteira nom, viúva.

MAI: Nom digas isso.

B: Digo o que quero.

MAI: Por favor...

B: Nom escuitas o canto dos pássaros?

MAI: Nom escuito nada.

B: Mamai, onde vás?

MAI: A nengures.

B: Mamai, para que queres isso?

MAI: Para nada, filha, para nada.

B: Mamai, que vás fazer?

MAI: Nada, filhinha, nada.

B: Nom o fagas, mamai, nom o fagas.

MAI: Fago-o polo teu bem, filhinha.

B: Mamai!

MAI: Polo teu bem.

A: Arrasta-nos a corrente, o rio de sangue, o da história, o da infâmia. O espasmo que somos bate contra nós e lança-nos longe, para adiante, cegos. Nom o entendes?

B: Polo teu bem, polo teu bem, polo teu bem.

- A: Partidos os esfelhos, havemos de vomitar serpes, cuspir o seu veneno nas montanhas de cascalhos que nos rodeiam e será tarde em demasia. Eu nom som como eles.
- B: Quando os meninhos cheiram cola, alguém rompe a chorar num recanto perdido da cidade. Nom é de cristal, é o embriom do ruído, a queixa, a negaçom do osso, carne que bota língua, dentes, palavra.
- A: Todos ficaremos vencidos após o passo da memória.
- B: Umha e outra vez mastigará os nossos corpos até nos afundir as pálpebras no esquecimento.
- A: A aceleraçom da tecnocracia: a comida rápida, a carícia express, a cagada espontânea. Desterrado, domesticado, pré-fabricado. Como vou curar se já nom lembro como se abraçava?

4

- C: Os meninhos mortos nom voltam a nacer. Nom é bonito?
- D: Essa é a minha cor preferida. O fulgor do sangue ao desbordar os lábios.
- C: E se voltarem a nascer, roubariam-nos o trabalho?
- D: Di alguém por aí que é possível...
- C: Melhor estar prevenidos.
- D: Pois eu acho que nos roubariam a vida.
- C: Como quando lhes cortávamos as asas às moscas.
- D: De que é preciso renegar?
- C: Fazemo-lo de propósito. Absolutamente racionais. Frios. Com a precisom dos taxidermiastas.
- D: Os porcos tenhem que se dessangrar. Deixa que logo morre. Grita assustado o homem que nom acertara com o diçparo. Nom há arrepio.
- C: Os buracos nos muros dos campos de refugiados de Sérvia guardam silêncio. É verdade que ali nom aninham as andorinhas.

- D: Mas quem se interessa pelas andorinhas? Isto nom é literatura. Isto é vida.
- C: Som as peles de serpente as que nos fam duvidar. Passo à frente! Gritavam. Punham-lhes as algemas. Pouco tempo depois sentíamos as descargas. Dormiam sobre palha de centeio. Os vizinhos estavam obrigados a levá-la. Comiam as ervas dos muros da fame que passavam.
- D: Há quem di que nom há verdades absolutas. E a meu ir-mao que o fodam. Algo faria.
- C: Eu mandava-os a Srebrenica e como prémio de consola-ção a fazer chairas aos Alpes Dináricos.
- D: Nom me escuitas? Eu estava ali.

5

- A: Por fim! Levo umha semana à tua procura.
- B: Como me encontrache?
- A: Porque aqui venhem a morrer os cavalos.
- B: Deixa-te de parvadas.
- A: Nom sujes o teu corpo com esta terra.
- B: Nom te metas onde nom és chamado.
- A: Eu só quero o melhor para ti.
- B: Entom deixa-me fazer a mim o que quiser.
- A: Tu sabes por que aqui as árvores se erguem tam fortes e sinistras? Tu sabe-lo?
- B: Sei-no, por isso estou aqui.
- A: Por favor, nom digas iso.
- B: Por que se é verdade?
- A: Séculos e séculos de sangue alimentárom estas árvores. Volta, por favor, volta. Nom afogues os pássaros que cantam nas tuas maos. Volta. Tua mai ameaçou-me com matar-me se nom te levava.
- B: Minha mai pensa que é mui valente e que todo se solucio-na aos gritos, mas as cousas nom se fam assim.
- A: Tu bem sabes como é tua mai.

B: Di a essa mulher que este país é um ninho de vermes e filhos da puta, que todo este mundo é um ninho de vermes e filhos da puta.

A: Isso é evidente.

B: Eu nom podo mais.

A: É preciso aguentarmos. Ainda somos mui novos. Temos toda a vida pola frente.

B: Que se fai quando racham os nós? A que nos agarramos? E se a cinza enche as fechaduras e as cartilagens estão secas? Como saímos de aqui?

A: Nom o sei.

B: Embora enfies esse nome com o outro, a lepra nom se deterá. A beleza nom sacia. A marcha fúnebre estende-se, lavra e fura até o mais remoto do ser. Secas estão as fontes. O gelo expande-se. Esvaziárom-me as entranhas. Eu só quero a minha criança.

A: Sei-no e também sei que as multidons gostam da ferrugem, das águas mortas e do sangue dos cavalos e que o enxofre das letras nom se dá riscado de tantos mitos, de tantas fundaçõs, de tanta barbárie.

B: Escuro berço.

A: Mas devemos ser fortes.

B: Exaço, eu quero ser forte.

A: E entom?

B: Tu sabe-lo. Eu acariciei cada um dos músculos do afogado. Tanta carne esmagada polos rochedos e as correntes! Azuis tinha as queixadas onde repousava o último grito que ninguém ouviu. Eu toquei-no. Metim-lhe os dedos na boca. Tirei-lhe a areia. A sua língua ainda era suave. Ali escondim a pátria.

A: Por isso. Porque aí está a pátria. Na sua boca. Nesse grito. Ou queres que digam que te enforcache com as tuas próprias tripas.

B: Polo menos serviria para algo a intimidade.

A: Por favor.

B: Tés razom. Isso seria mel para os porcos.

- A: Está a cair a noite... Que foi isso?
B: O quê?
A: Nom o sentiche?
B: Nom, o quê?
A: Nada, nada.
B: Como que nada?
A: Creio que começo a enlouquecer.
B: E logo?
A: Às vezes o ruído das árvores arrepiá-me.
B: A mim às vezes a tua voz também.
A: A sério?
B: Parece umha claridade estéril, um muro onde o canto morre e tu nom dás o mínimo, o teu, o que tés que dar. O auxílio e nom a saudade.
A: Como podes dizer isso?
B: Outras vezes sinto como se a minha imagem se confundisse com a tua. Nunca como sal sobre as feridas.
A: A mim também me acontece.
B: De boca em boca atravessas a arquitectura da noite.
A: De boca em boca as estrelas giram.
B: Vás beber os seus restos.
A: Quero pronunciar o teu nome.
B: Escuitar a tua voz.
A: Sugar até a última pinga de prazer.
B: Os teus lábios estão secos.
A: Mergulhas-te num corpo que conheces.
B: Nom é o momento.
A: Dam-che de comer umha carne.
B: Nom é o momento.
A: Que está mais perto do verme que das estrelas.
B: Ela oferece-che o seu silêncio.
A: Ela é fermosa.
B: Ela nom te quere envenenar com a sua voz.
A: Ela conhece o seu poder.
B: Tu respiras.
A: Sentes o rumor da seiva ascender polo tronco.

- B: O seu calor entre os seios.
A: Alguém bate na porta.
B: Eu olho para a cara. Tu para os pés.
A: Ficamos à intempérie?
B: Nom. Voltamos juntos para casa.
A: Juntos.

6

- D: Abre-se um imenso campo de batalha.
C: Entre o meu cérebro de hominídeo.
D: E o teu cérebro de réptil. Esse humano-inumano. Eis todos os petróglifos que escrevêrom os mortos. Viver nas entranhas. Comer nas entranhas.
C: Fígado acebolado. Rins acebolados. Tripas aceboladas. Cebola e mais cebola.
D: Vaselina para o povo. Vaselina e relógios que marquem sincronizados a hora e aparelhos de tortura e contratos laborais e segurança, segurança, segurança. E privatizam-se as fontes, o vento, as rias...
C: Soa o despertador. Que melhor maneira para degustar os limites? Há algo mais íntimo e à vez mais real? Eis o território onde nom podemos reconhecer-nos. É umha procura sem objectivo. É pura descoberta. É erro. Como podem fazer algo assim?
D: Umha cousa som os actores, outra mui diferente o público. Nada tenhem a ver a máscara e a pessoa. Ao público nom se lhe toca, nom se lhe coípe, nom se lhe mijar. Isso já o fam outros por nós. Orvalha um pouquinho. Mais nada.
C: Fora do domínio da linguagem deus está enforcado aí e está a se mijar e que alguém o baixe. Que alguém o baixe dos olhos desse homem branco e que depois nom comecem os desportos. Que comece o deserto.
D: A sintaxe da amputaçom penteia o cabelo, rapa o crânio, devasta o cérebro. E nesse momento surge o conflito e o

fatum, a catástrofe e a esfinge, Édipo e a necessidade, o eu justaposto ao tempo.

C: Figérom-me umha lobotomia. Eu nom som assim. Um hemisfério por aqui e um outro por ali. Diziam que me ia aliviar. Entre os hemisférios aparecia um oceano. Mesmo se podiam ver os lombos das baleias atravessar esse oceano de dor. O carcinoma devora os meus pulmões. Cuspo sangue. Como agora. Antes era algo mais escura. Seccionárom-me o lóbulo dianteiro do cérebro. Tinha umha erupçom mui grande. Nom podem evitar morrer. Quem me dará curado esta ferida? Fomos nós. Matamo-lo. Matamo-lo. Matamo-lo.

D: Pois leva umhas flores ao morto.

C: O vivo está diante ou detrás do espelho? Onde está o sentido? Onde está a sua pegada? Em sete anos de má sorte? Em toda umha vida de má sorte? Mostar, porto de mar!

D: Moramos num cemitério bombardeado, medido, regulado, esterilizado, legitimado, administrado, parasitado e violado umha e outra vez polo Capital e, pola sua metamorfose, o Estado. Violados até a purificação. Sodomizados até a plena libertação, até a domesticação absoluta, até o silêncio.

C: Obrigado, senhor. Muito obrigado pola paz que deixou o teu vazio, a fermentação do esterco e a indiferença.

D: Aqui nada se move. Ninguém joga. Está proibido cantar, misturar-se, desaparecer.

Epilogo: Teatro-cicatriz

A: As paredes do teatro.
B: As paredes de Europa.
A: As paredes do fascismo estão em constante transformação.
B: Som difusas, instáveis.
A: Chegam a se fazer invisíveis.
B: Som parasitas. Tal como a família, o trabalho ou a linguagem. Tal como nós. Parasitas.
A: As palavras desvelam e ocultam o caos da experiência.
B: Nom contêm a dissolução da lógica.
A: Simplesmente ocultam-na.
B: Aprisionados numha garrafa. A ruptura dos limites do discurso.
A: Beijar a terra ardente do inferno.
B: Meter as maos nas entranhas do cavalo.
A: As palavras acabam. Nom som suficientes. Sentir. Deixar-se levar pola música.
B: O nome próprio como umha ilusom de permanência.
A: O nome próprio nom terma de nós. A rede nom apanha nada.
B: O nome fica junto as moscas.
A: O rio flui.
B: A crueldade do ditador é a ligeireza com que toma a sua falta de precisom. A tristeza do funcionário transforma-se no êxtase do carnicheiro.
A: A literalidade da nossa repetiçom.
B: É puro canibalismo.
A: Algo ou alguém mete-me a mao na boca. Vejo a transparência da carne em pó, a transmutaçom do deserto em

paraíso, do punho em carícia. Isto poderia ser diferente.
De que braço nasce essa mão?

B: Lamber, arrolar, sentir a ferida que não cicatriza. Assim,
o amor.

A: Às vezes emigram os abutres por falta de carne. Desta
vez não.

B: Desta não passa. Quero aproximar-me à caixa e dar uma
patada na boca ao apontador. Aqui não se representa
nada. Não se reproduz nada.

A: Estás certa disso?

B: Não.

A: O nosso é um teatro teológico.

B: Grande merda!

A: Onde o verbo se fixa carne.

B: Quando a carne se fará verbo?

Canibalismo saiu a lume em 2010,
quando se fam 74 anos do assassinato
de Ángelo Casal e também da
destruição de Nós, editora onde ia ser
publicado *O Naufrago*, primeira obra
de Jenaro Marinhas del Valle





Em Abril de 2008, apareceu nos média o escândalo do monstro de Amstetten. Apresentárom este cidadão austríaco como um repugnante degenerado, umha excepçom da história, nunca como a quinta-essência da nossa civilizaçom. Porém, Ocidente relaciona-se de umha maneira mui semelhante com essas três quartas partes da humanidade empobrecidas, violadas, torturadas e ignoradas umha e outra vez. Três quartas partes da humanidade que nom só moram debaixo da nossa casa, senom que a sustentam. E nós comportamo-nos como a mulher do monstro que prefere nom saber, que escolhe nom saber, fazer-se desentendida, olhar para outro lado, estar tranquila e de vez em quando recolher umha criança à porta da casa ou algum negro agonizante na praia. Assim até que passem vinte e quatro anos e sejam abertos os campos de concentraçom ou as entranhas da Europa e botemos as maos à cabeça perante tanto sofrimento que pudo ser evitado, que pudemos evitar.

Marcos Abalde Covelo sente-se parte de Lavadores, do Alóia, do Mádía Leva, de Sárdoma, da AGAL, de Lançós, de Estaleiro Editora, do Gistral, da Gentalha do Pichel, do Pia Pássaro, de Casahamlet, do Cabo Homem, do Festival da Poesia de Salvaterra, do Pedregal de Irímia, da Assembleia da Educaçom Crítica, de Vista Alegre, de Gaza, do Cineclubes de Compostela, de Srebrenica, de Erveira, do Tarrafal, do *Novas da Galiza*, de Couso, da Devesa de Rogueira, de Oświęcim, de Teixeira, de Martutene, de Kilmainhaim. Sabe que o nosso amor nom pode ser inútil.